

## PLANO DE AÇÃO ESTRATÉGICA

**PLANOS** todos fazemos: na família, na gestão da casa, no emprego, as férias, as festas e, mais ou menos elaborados, a curto ou a longo prazo, fazem parte do nosso quotidiano. Na escola **PLANIFICAMOS** o nosso ano letivo, os nossos conteúdos, os momentos de avaliação, as atividades e as formações. **PROJETAMOS** o futuro e o que pretendemos atingir, mas, por vezes, relegamos os **PRINCÍPIOS** sobre os quais é necessário refletir e, por isso, este plano com vista à promoção do sucesso escolar, deveria ser denominado «**PRINCÍPIOS DE AÇÃO ESSENCIAIS (PAE)**».

É necessário refletir sobre **PRINCÍPIOS** de abordagem, **PRINCÍPIOS** de atuação e **PRINCÍPIOS** de correção. Pensa-se em tudo, projeta-se e fazem-se planos, mas esquece-se o que está para trás e, sem bases, a estrutura que queremos sólida, enfraquecida de valores, não é suficientemente forte para resistir aos abalos diários que se nos deparam. «O caminho faz-se caminhando» e, neste percurso, muitas são as tentativas para não errar, mas, errando adquire-se a arte de aprender com os erros

Atualmente, face aos desafios globais e perante as constantes novidades a que as novas tecnologias nos levam (em recentes notícias dizia-se que as grandes operadoras digitais estão a tentar criar tecnologias de suporte de vida que permitam ao homem chegar aos 200 anos), encontramos-nos em diferentes patamares na literacia digital, uns mais rápidos e atentos, outros mais limitados e vagarosos, o que é certo é que deixamos que o essencial não tenha lugar e que se percam momentos da vida que nunca mais se recuperam, se não refletirmos e colocarmos, individualmente, um travão pedagógico neste frenesim.

«*As culpas morrem solteiras*» e não paramos para saber onde está o **PRINCÍPIO** de todas as causas, para se resolver o cerne dos problemas. Acusamos a genética biológica e comportamental, a família e a sua desestruturação, a formação de vários tipos de núcleo familiar, a falta de recursos, a falta de trabalho, as condições de ensino, a falta de incentivos, a ausência de medidas do Estado, as novas tecnologias... e as culpas saltam de uns para os outros, num desnorte que nos incomoda e aflige.

Devemos repensar os comportamentos e impulsos de todos os intervenientes e dar lugar ao «saber ser», ao renascer de um novo «eu», recomeçar num caminho mais firme e, sobretudo, mais alicerçado em verdadeiros valores de afeto e responsabilidade, ou seja, começar pelo **PRINCÍPIO** e saber onde queremos verdadeiramente chegar.

Para iniciar esta reflexão, propomos a leitura de um excerto do artigo do Notícias Magazine de 25 de abril de 2017, da autoria do escritor Afonso Cruz:

*“É pela lentidão que o nosso cérebro se desenvolve e, por causa dessa lentidão, é-nos permitida a educação e a cultura. Não somos como alguns animais que em pouco tempo são capazes de sobreviver. Não nascemos com pelos, garras, bico, presas ou chifres, temos de inventar e fabricar substitutos como ferramentas e roupas. Nascemos fracos e dependentes, e é precisamente essa debilidade que nos dá força: um cérebro capaz de aprender durante muito tempo, uma capacidade tremenda, para o bem e para o mal, que nos permite escrever o Crime e Castigo, destruir cidades com bombas nucleares ou simplesmente pintar um pôr-do-sol. É a lentidão com que nos formamos que permite tudo isso. É uma forma de neotenia, de prolongar a infância.*

*Escreveu Lamberto Maffei, no ensaio Elogio da Lentidão: «De facto, o êxito do ser humano como animal não depende apenas da sua boa forma física, mas também e sobretudo da sua boa forma intelectual. Não tem a velocidade do leopardo nem a força do elefante, mas, exceto num encontro fortuito, reina sobre eles. O Homem aprende do ambiente durante muito tempo e, de uma maneira geral, tem a capacidade de dedicar-se às disciplinas de que mais gosta.»*

*Professora Paula Costa*